

REGISTROS SOBRE CAMINHOS FORMATIVOS ENTRE UNIVERSIDADE, ESCOLA E COMUNIDADE

REGISTRY OF EDUCATIONAL PATHS BETWEEN UNIVERSITIES, SCHOOLS, AND COMMUNITIES

Marta Nörnberg¹

Resumo

Este artigo pretende oferecer algumas reflexões ao campo da formação de professores, explorando aspectos teóricos e práticos para discutir e estimular a criação de estratégias formativas envolvendo agentes da universidade, da escola e da comunidade. Para isso, são sistematizados registros de duas experiências: a primeira decorre da participação em seminário e de leituras de textos propostos por Kenneth Zeichner, na Universidade de Washington; a segunda envolve a descrição do contexto comunitário Passo dos Negros, onde vem sendo realizado atividades formativas envolvendo lideranças locais, formadores e estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas. A reflexão proposta afirma a formação profissional dos professores como prática que requer envolvimento e engajamento com a comunidade por meio de ações de pesquisa e extensão.

Palavras-chave: Formação inicial de professores. Ensino, Pesquisa e Extensão universitária. Passo dos Negros.

Abstract

Initial teacher training. This article aims to offer some reflections on the field of teacher training, exploring theoretical and practical aspects to discuss and stimulate the creation of training strategies involving agents from universities, schools, and the community. To this end, records of two experiences are systematized: the first stems from participation in a seminar and readings of texts proposed by Kenneth Zeichner at the University of Washington; the second involves a description of the Passo dos Negros community context, where training activities involving local leaders, trainers, and students from the Pedagogy course at the Federal University of Pelotas have been carried out. The proposed reflection affirms the professional training of teachers as a practice that requires involvement and engagement with the community through research and extension activities.

Keywords: Initial teacher training. Teaching, research, and university outreach. Passo dos Negros.

¹ Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Associada do Departamento de Ensino da Faculdade de Educação e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), RS, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9865-7056>. E-mail: martanornberg0@gmail.com

Introdução

Sociedades cada vez mais complexas e dinâmicas em termos de divulgação da informação, de acesso a bens de consumo, de estímulos contínuos voltados para a conformação de determinados modos de atuação nos colocam, como formadores de professores, perante o desafio de criar e ampliar espaços que favoreçam a formação humana e, conseqüentemente, a própria formação profissional para a docência. Este desafio não é específico do nosso tempo, pois acompanha a experiência de docência realizada por mestres que viveram em diferentes tempos e contextos, resguardando não somente o direito à educação, mas também valorizando e reconhecendo diferentes saberes e práticas culturais.

Dentre os vários mestres, aqui o mestre Nego Bispo, evocando o seu forte apelo de que é preciso ter “a humildade de dizer: ‘Esse saber é desse povo. Então, leva esse povo para dar aula na universidade’. Porque é o que está faltando: as universidades assumirem que não sabem certas coisas e perguntar para quem sabe, mas dizer: ‘É essa pessoa que sabe’” (Santos; Kohan; Pereira Júnior, 2025, p. 7).

As palavras de Nego Bispo foram ditas para Walter Kohan, durante uma entrevista a ele concedida em agosto de 2021. Nesse encontro, Nego Bispo tece críticas ao modo como a educação, entre elas, a praticada nas universidades, ainda se apropria dos conhecimentos populares, pouco reconhecendo ou chamando seus mestres para ensinar sobre suas histórias e saberes. Na mesma entrevista, Nego Bispo oferece um conjunto e imagens de mestres e práticas culturais que nos ajudam a problematizar e tensionar as visões e os processos de formação de professores. Destaco a pertinência de duas delas como gestos formativos a serem estimulados em nossas instituições: o caminhar nas comunidades para ver a paisagem e prestar atenção nas pessoas e o perguntar como forma de acionar e se aproximar dos seus saberes populares.

É com esse espírito que neste texto ofereço ao leitor algumas pistas para animar a criação de processos e práticas formativas mais próximas das comunidades tradicionais e populares que ocupam o espaço urbano. Para isso, na primeira seção do artigo, sistematizo um conjunto de elementos decorrentes do estudo de textos de autoria de Kenneth Zeichner ou por ele selecionados para leitura durante um Seminário de Inverno na Universidade de Washington. Na segunda seção, o foco recai sobre uma experiência de formação desenvolvida no âmbito de um componente curricular do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas. Por fim, algumas

questões são propostas para manter nossas mentes abertas ao diálogo e à criação de novas relações com aqueles que habitam a universidade, a comunidade e a escola básica.

Fundamentos para caminhos formativos entre Universidade e Comunidade

Em 2020, o professor Kenneth Zeichner ofereceu um Seminário de inverno na Universidade Washington intitulado “Community-Centered Social Justice Teacher Education”. A bibliografia explorada trazia uma visão mais ampliada para a formação de professores, tematizando experiências que articulam culturas científico-culturais e saberes comunitários e familiares. Nessa direção, foi estudado um conjunto de textos que exploraram concepções e práticas de formação que estimulam a inserção de professores em contextos comunitários diversos.

Ao longo do Seminário, além do estudo dos textos propostos, foram estabelecidos momentos de diálogo com pesquisadores de outros estados americanos, especialmente para conhecer programas de formação que desenvolviam práticas de imersão e inserção de aspirantes à carreira docente em contextos comunitários. Entre as várias práticas de inserção comunitária, tive a oportunidade de acompanhar o diálogo realizado com a professora Jennifer O'Malley, diretora da Chicago Teacher Pipeline², e seus parceiros comunitários que conversaram conosco sobre como os bairros com os quais o programa tem parceria ajudam a formar professores para as escolas públicas de Chicago.

O programa desenvolvido em Chicago pretende que o professor iniciante, ainda em formação, seja acolhido por uma família da comunidade/bairro em que se situa a escola; a família acolhedora não precisa, necessariamente, ter filhos em idade escolar. A família acolhedora oferece condições de moradia, além de auxiliar o jovem professor a realizar sua imersão na comunidade local. Uma das apostas desse projeto formativo é a de oferecer ao professor iniciante oportunidades para conhecer diferentes valores familiares e comunitários e, assim, tensionar suas visões e padrões culturais, especialmente relativos às questões raciais, étnicas, migratórias, de gênero e de classe social. A intenção primordial é a de investir na preparação dos professores como profissionais democráticos que se veem trabalhando para as famílias e nas comunidades de uma maneira respeitosa e comprometida com elas.

² Ver informações sobre a Escola em <https://education.illinoisstate.edu/centers/ctep/> e uma reportagem no PBS News Hour sobre o programa em <https://www.pbs.org/newshour/show/chicago-preparing-teachers-classrooms-need>.

Nos Estados Unidos, o que mobiliza a realização desses programas também leva em consideração a complexidade envolvida nas relações entre família-escola, entre pais-crianças/jovens-professores, bem como os relatos de estudantes de cursos de formação, que afirmam se sentirem mal preparados para esse aspecto e com poucas condições de abordar temas da diversidade cultural nas situações de ensino ou mesmo para assumir a tarefa de garantir a comunicação quando a criança ou o jovem não tem a língua inglesa como língua materna.

Um dos pressupostos que tais programas exploram é a concepção de que a unidade da educação não está centrada apenas na criança, mas envolve a família e a comunidade, reconhecendo e tendo o professor como um articulador educativo central. Na perspectiva destes estudos, considera-se como um excelente professor aquele que reúne recursos pessoais, competências e características para, em conjunto com as contribuições de outros adultos responsáveis pela educação de crianças, fundamentar a prática educativa num determinado contexto cultural e histórico, e assim satisfazer as necessidades de desenvolvimento de cada aluno.

Com base no diálogo e na leitura dos diferentes textos propostos no Seminário, é possível dizer que a aposta formativa parte da compreensão de que a falta de confiança entre professores e pais torna difícil manter um diálogo genuíno em torno de preocupações que, embora partilhadas pelos dois grupos – escola e família – acabam sendo exacerbadas por conta das visões que se tem e da pouca problematização feita sobre elas. Consequentemente, geram-se falhas de comunicação e observa-se uma forte tendência de se reforçar ou ampliar preconceitos existentes, o que acaba minando esforços construtivos dos professores e dos pais para construir laços relacionais em torno dos interesses das crianças e em vistas da ampliação de seu conhecimento científico cultural.

Durante um dos diálogos que estabeleci com o professor Zeichner, ele falou sobre um conjunto de argumentos decorrentes dos estudos e das pesquisas realizadas por ele e outros pesquisadores, os quais foram explorados ao longo do seminário. Na sequência, sistematizo três deles.

O primeiro argumento, que qualifico como central, trata da urgência de se reconceptualizar os programas de formação de professores colocando as culturas das famílias e das comunidades como conteúdo da preparação de professores, especialmente para professores que forem desenvolver suas atividades de docência em comunidades marginalizadas por raça, classe, língua ou condição de imigração. A preocupação tem sido a de tornar os professores de fora dessas comunidades motivados e capazes de trabalhar em solidariedade com as famílias e estudantes, a

fim de apoiar tanto a justiça educativa como o bem-estar da comunidade.

Outro argumento explorado é de que a formação de professores precisa problematizar as hierarquias de poder e de conhecimentos curriculares hegemônicas. Para isso, é preciso reconhecer e utilizar a “riqueza cultural da comunidade” na educação dos professores para, deste modo, tornar possível a justiça educativa e o bem-estar da comunidade. É preciso não apenas conhecer a história da comunidade, como reconstruir saberes e práticas sociais que sustentam seus sistemas de funcionamento e entendimento das relações intrafamiliares assim como da comunidade local. Um reconhecimento que implica ouvir e entender, mas também analisá-los criticamente.

Por fim, o terceiro aspecto indica que para a justiça educativa e o bem-estar da comunidade serem alcançados, é preciso enveredar esforços para que os professores participem e estejam ligados a movimentos sociais e culturais mais amplos existentes nas comunidades marginalizadas. Tal vinculação precisa ocorrer já durante a formação inicial e ser continuada após o seu ingresso na carreira docente.

Zeichner (2019; 2024) afirma que a formação de professores continuará impotente enquanto não investir na modificação das práticas de formação no sentido de envolver os movimentos sociais baseados na comunidade e a participação dos professores nesses movimentos. Nesse sentido, a defesa de Zeichner (2019) é por um profissionalismo democrático, ideia esta que coloca os alunos, as famílias e as comunidades no centro do trabalho dos professores e dos programas de formação de professores. O autor explica que esta é uma alternativa ao profissionalismo ocupacional e organizacional, ambos geralmente guiados por interesses externos às comunidades e pouco direcionados às necessidades das crianças e jovens, bem como de suas famílias.

A crítica de Zeichner é de que, em geral, os programas e cursos de formação de professores, mesmo quando dizem trabalhar para a justiça social, muitas vezes operam de forma a perpetuar a marginalização das famílias de cor e/ou em situa de pobreza em comunidades marginalizadas. Por isso, ao propor a formação docente ancorada pela ideia de um profissionalismo democrático, Zeichner entende que os professores poderão estar melhor preparados para se beneficiar do conhecimento e da experiência existentes nas famílias e comunidades de seus alunos.

Para colocar em curso a ideia do profissionalismo democrático e modificar as estruturas de poder e conhecimento existentes, de forma a acolher e incluir genuinamente os conhecimentos e as perspectivas que existem nas comunidades não dominantes e frequentemente

marginalizadas, Zeichner (2019) propõe que é preciso pensar outro caminho para a formação de professores. A base dessa proposta consiste em que professores, sindicatos de professores e formadores trabalhem de maneira colaborativa com as famílias e as comunidades nas escolas, reduzindo, assim, as hierarquias de poder atuais, favorecendo práticas de justiça social.

Investir em processos formativos alinhados à perspectiva da justiça social requer projetar situações educativas que auxiliem os futuros professores a modificar a forma como geralmente se relacionam com uma determinada comunidade e, sobretudo, o modo como valorizam seus saberes e práticas, o que implica em aprender a considerar a natureza distinta, porém complementar, que há entre cultura e ciência produzidas no interior das diferentes comunidades. No meu entender, este segue sendo um dos principais desafios para os processos de formação inicial, visto que ainda prevalecem visões que bifurcam e hierarquizam os conhecimentos conforme a sua origem.

Nessa direção, Ishimaru *et al.* (2019, p. 12) lembram-nos de que “esses conhecimentos e experiências não são simplesmente ‘ativos’ a serem apreciados. Eles são alicerces vitais para os esforços de transformação de nossas escolas e sistemas mais amplos em direção à justiça educacional”. Esta é uma das premissas trazidas pelo relatório elaborado pelos autores sobre o projeto Family Leadership Design Collaborative (FLDC), uma rede nacional de acadêmicos, educadores e líderes familiares e comunitários que trabalham para colocar a equidade racial no centro dos processos educativos e da relação com as famílias. Com base em experiências realizadas em comunidades de imigrantes na cidade de Seattle, Ishimaru *et al.* (2019) sistematizam, no relatório, cinco estratégias que contribuíram para aprimorar os processos educativos realizados nas escolas em colaboração com as famílias e suas comunidades: a) Envolver as famílias e as comunidades como co-criadoras do seu próprio futuro; b) Envolver múltiplas identidades e perspectivas nas interações e relações; c) Manter processos de aprendizagem reflexivos e iterativos ao longo do tempo; d) Envolver pontos de tensão atuais e contínuos, debatendo-os coletivamente; e) Fazer com que escola, comunidades e famílias imaginem e implementem a mudança sonhada pelo coletivo.

No relatório, os autores ainda compilam um conjunto de aprendizagens decorrentes dos processos colaborativos vividos entre escola, família e comunidades que tornaram possível imaginar novas práticas e sistemas de promoção da justiça na educação e no bem-estar da comunidade. As colaborações e diálogos feitos entre professores, famílias, estudantes e comunidades não apenas buscaram compreender o que aconteceu no

passado (a escravidão ou a segregação racial, por exemplo), mas também consideraram o que se poderia mudar para acabar com as desigualdades no presente. Isso ajudou a construir a agência dos participantes e a mudar a formação e a prática para objetivos mais amplos de bem-estar e justiça, dentro da escola e com as comunidades, o que, obviamente, nem sempre transcorria sem gerar confusões e discussões, também necessárias para imaginar e promover mudanças de visões e de comportamentos sociais. A experiência realizada com comunidades de imigrantes na cidade de Seattle fortalece a escola em sua tarefa de apresentar às crianças e aos jovens o mundo e a sociedade, bem como as dinâmicas de produção de bens materiais e imateriais em suas contradições, problematizando a validação científica, cultural, socioeconômica atribuída a determinados conhecimentos e processos.

Zeichner (2019) ainda lembra que muitas vezes os profissionais da educação aprendem a ver as crianças de uma maneira limitada, geralmente qualificadas como vítimas, carentes, que necessitam de algum tipo de resgate, pois vivem em comunidades ou famílias supostamente “desestruturadas”. Porém, de acordo com Zeichner (2019), para desgastar e superar tais visões é preciso incorporar o conceito e a prática de trabalho público às culturas profissionais para liberar o potencial democrático do conhecimento e de um tipo de poder que emerge de uma prática profissional singular. Uma prática em que os profissionais aprendem a integrar participantes leigos em suas vidas profissionais porque sabem ouvir e estão dispostas a colaborar com pessoas que não têm os mesmos conhecimentos típicos da profissão docente. Interessante pensar que, no Brasil, professores de redes públicas de ensino são denominados de servidores públicos, isto é, aqueles que realizam um serviço que é público, logo, voltado para a promoção do bem-comum.

Zeichner (2019) explora algumas orientações voltadas para a criação de um programa de formação de professores que apoie a transformação do conhecimento e das relações de poder entre escola, famílias e comunidades. O primeiro deles é educar os formadores de professores sobre como trabalhar com as famílias e comunidades de maneira que ampliem tanto a qualidade de seus programas quanto o bem-estar da comunidade, inclusive envolvendo os membros da comunidade na construção das práticas formativas. Isso envolve aproximar-se das comunidades para aprender sobre o seu cotidiano, para as quais estão preparando os professores para ensinar, e também para saber como o seu trabalho é percebido nessas comunidades. A questão vai além de aprender a trabalhar com as famílias e aprender com elas. É preciso aprender a trabalhar uns com os outros

de forma respeitosa e benéfica, desenvolvendo relações de confiança e preocupação mútua com os objetivos e as necessidades uns dos outros antes de trabalhar para melhorar programas de formação.

Os formadores também precisam aprender que este trabalho será exigente e gerará conflitos/confusões/discussões, especialmente em torno de temas relativos à escolaridade e aos comportamentos sociais. Mas, segundo Zeichner, abrir espaço para essa confusão ou conflitos será importante para fortalecer o trabalho colaborativo, pois certamente haverá perspectivas diversas sobre questões e soluções, tanto dentro quanto entre os participantes do programa e da comunidade, assim como haverá desafios em aprender como discordar sobre algumas situações e posições enquanto se busca definir e construir um terreno comum para avançar. Isto porque a formação de professores envolvida com a comunidade não significa fomentar ou glorificar de forma acrítica perspectivas e conhecimentos da comunidade, assim como não se trata de uma glorificação acrítica do conhecimento universitário e escolar.

Em recente obra publicada, “Communities”, Zeichner (2024) sistematiza experiências de programas de formação considerados exemplares porque não apenas estão centrados e baseados na comunidade, mas porque estimulam e favorecem o rompimento de hierarquias de poder tradicionalmente existentes. São programas em que famílias e comunidades locais desempenham papéis centrais na preparação dos professores e dos formadores de professores, ao mesmo tempo em que formadores e futuros professores também vão desenvolvendo uma visão de ensino que articula instrução científica e pedagógica, desenvolvimento curricular e participação da comunidade.

Outra consideração feita é a de chegar a um ponto em que as escolas, as instituições de formação de professores e as comunidades se sintam proprietárias dos programas. Em que formadores de professores (da universidade e da escola) e seus parceiros comunitários desempenham um papel tanto no trabalho conjunto em solidariedade pela justiça educacional quanto pelo bem-estar da comunidade, mudando assim as relações de poder, o que resultaria em formas de educação culturalmente sustentáveis e revitalizantes. Nesse processo, o mais importante é que os formadores de professores precisam ter em mente a importância de desenvolver relações respeitadas e benéficas com os parceiros comunitários e incluí-los em todas as fases da melhoria contínua do programa, incluindo a conceituação e o desenvolvimento de práticas e estruturas.

Seguindo uma visão inspirada nas contribuições de Zeichner (2019; 2024), almejamos com a formação professores preparados para serem

tecnicamente competentes e intelectualmente capazes de projetar e refletir sobre as suas práticas nos contextos em que trabalham. Mas, como a natureza e a qualidade dessa formação podem variar, há atribuição de sentidos distintos para a noção de profissional. Por isso, é preciso defender um modelo de formação de professores como profissionais democráticos, que trabalhem com as famílias e as comunidades de maneira respeitosa e colaborativa.

A partir dessas considerações advindas de um contexto fora do Brasil, na próxima seção será descrita uma experiência desenvolvida no âmbito de um componente curricular do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas. Embasada nas contribuições de Zeichner, a intenção é problematizar alguns aspectos que podem oferecer bases para inspirar a criação de dinâmicas e processos formativos alinhados às comunidades no interior de projetos de cursos que têm sido alvo de contínuas reformas em espaços de tempo cada vez mais curtos.

No Passo dos Negros: caminhos para a formação de professores

Na seção anterior explorei alguns elementos da literatura internacional sobre educação e formação de professores, sugerindo que, para o trabalho dos docentes alcançar legitimidade nas escolas públicas, é preciso conhecer as famílias e as comunidades nas quais seus alunos crescem e se desenvolvem, estabelecendo com elas conexões respeitosas e de confiança. E, ainda, é imprescindível saber como usar esse conhecimento e essas relações de maneira que apoiem a aprendizagem dos alunos. Entretanto, sabemos que nos cursos de formação ainda é mínima a atenção dada pelos formadores tanto para a preparação dos futuros professores para trabalhar com as famílias e comunidades quanto para reconhecerem e incorporarem o conhecimento da comunidade como fonte de aprendizagem tanto para os professores como para os alunos (Zeichner, 2024).

Seguindo o esforço de contribuir e inspirar processos direcionados para a formação de professores democráticos, nesta seção será apresentada e discutida uma experiência formativa embrionária, que envolve estudantes, formadores e lideranças da comunidade Passo dos Negros, situada no município de Pelotas, no extremo sul do Brasil.

O Passo dos Negros é uma comunidade periférica situada às margens do Canal São Gonçalo e representa um lugar de luta e resistência negra ao longo do tempo. Do ponto de vista histórico e econômico, a localidade tem importância pelos seguintes fatos: ali iniciou o aldeamento da cidade; nela foi instalado, durante o século XIX, o primeiro porto de Pelotas, que

era parte de um percurso maior denominado Caminho das Tropas; nessa região se realizava a travessia de gado e a comercialização de pessoas escravizadas (Alfonso; Rieth, 2016). Anos mais tarde, especificamente na primeira metade do século XX, ali foi construído e funcionou um dos maiores engenhos de arroz da América do Sul.

No início do século XXI, a região do Passo dos Negros passou a sofrer os efeitos de um processo de especulação imobiliária agressivo a ponto de a comunidade correr o risco de ser removida do local. O que se vê em curso é o apagamento histórico, cultural e humano do território em razão de interesses econômicos essencialmente privatistas.

Nos mapas e nas diretrizes de legislação urbana, a região do Passo dos Negros foi ocultada, sendo considerada zona rural nos dois primeiros planos diretores da cidade de Pelotas. Já no III Plano Diretor, datado de 2018, a área consta como vazio urbano, mesmo tendo habitações já consolidadas (Mathias, 2020). A invisibilidade da região pelos planos diretores pode ter facilitado o agressivo movimento de valorização imobiliária por parte de agentes privados e públicos. Desde o início dos anos de 2010, há investimento massivo na produção e “ocupação oficial” do espaço por meio da construção de um amplo complexo urbano contendo o centro jurídico da cidade, um Shopping, um bairro vertical planejado com eventos culturais frequentes e condomínios fechados, transformando o espaço em uma nova centralidade na cidade.

As intervenções imobiliárias realizadas na região têm como características o forte apelo visual e a adequação às demandas de valorização imobiliária, de segurança, de ordenamento e limpeza urbana, formando uma paisagem espetacularizada e de poder. De forma rápida e articulada, vê-se em curso a apropriação e o uso do território por parte das classes médias e altas, resultando em espaços com forte tendência segregadora, fragmentando a região em diferentes setores, inclusive contando com a atuação de forças de segurança específicas, atizando um processo de enobrecimento (gentrification) (Leite, 2010).

Do ponto de vista da paisagem natural, o Passo dos Negros situa-se numa Área Úmida, localmente nominado de Banhado. As Áreas Úmidas ou Banhados ocupam um papel essencial para o equilíbrio biológico, muitas vezes consideradas como Área de Preservação Permanente (Simioni; Guasselli, 2017). Assim, além do alto investimento público em serviços de drenagem e saneamento necessários para tornar viável a construção do referido complexo e assegurar a sua habitabilidade, outras áreas da cidade passaram a sofrer com alagamentos, antes pouco frequentes, quando há volumes altos de chuvas. Isto porque essa ampla área úmida,

Além da luta por preservar o seu patrimônio arquitetônico e o seu traçado urbano, também há mobilizações voltadas para resguardar as manifestações culturais de seus moradores e moradoras. São atividades que denunciam os riscos quanto à vulnerabilidade da área frente às investidas de expansão urbana pautadas pelos empreendimentos imobiliários, todos desvinculados do contexto existente no Passo dos Negros, bem como manifestações artísticas que inserem a comunidade em movimentos mais amplos de valorização e preservação da cultura negra. Um exemplo é atividade “Vivência do Sopapo: Memórias da Ancestralidade” que ocorre no Passo e é coordenada por um dos centros comunitários da localidade (Arte no Sul, 2024).

É no *Passo dos Negros* que, desde 2022, vem sendo conduzida uma ação de formação embrionária, assim caracterizada porque pode tornar-se um programa de formação envolvendo agentes da universidade, da escola e da comunidade. O objetivo central dessa ação embrionária tem sido a inserção e o envolvimento das estudantes do primeiro ano do curso de Pedagogia na comunidade Passo dos Negros. As atividades estão vinculadas ao componente curricular Prática Orientada I, que define como lugar de formação espaços educativos e culturais com base na seguinte ementa:

Prática Orientada I - Espaços educativos e culturais: Processos educativos em espaços não-escolares e não-formais de educação. Pedagogia como área de conhecimento e a docência. Formação em diferentes espaços socioculturais. O pedagogo na produção, organização e articulação do conhecimento e da práxis pedagógica no âmbito das relações socioculturais (UFPEL, PPC Curso de Pedagogia, 2022, p. 23).

As ações formativas desse componente curricular tiveram seu início concomitantemente com a implantação do projeto pedagógico curricular do curso de Pedagogia, no segundo semestre de 2022, em razão da sua adequação a Resolução 02/2015 (Brasil, 2025). A partir de uma proposta construída entre docentes e discentes, estes foram estimulados a conhecerem e entrevistarem pessoas vinculadas a diferentes movimentos comunitários e de mobilização social. Desde a primeira oferta da Prática Orientada I, uma das localidades escolhidas foi a comunidade Passo dos Negros.

O processo de aproximação e interlocução com moradores da comunidade foi mediado por uma discente do Programa de Pós Graduação em Antropologia da UFPEL, que realizava pesquisa no Passo dos Negros

(Mathias, 2020). A discente foi inicialmente contactada e entrevistada por estudantes do curso de Pedagogia que, na sequência, organizaram a vinda de outros moradores e, em especial, de uma das líderes locais para participar de atividades do “Falando em Educação”, momento de culminância da Prática Orientada I daquele semestre.

No ano seguinte, docentes, estudantes de uma nova turma de ingressantes do curso de Pedagogia e lideranças da comunidade do Passo dos Negros foram conjuntamente articulando outras atividades no âmbito deste componente curricular. Estimuladas pelas interlocuções realizadas com discentes da pós-graduação dos cursos de Antropologia e Geografia, deu-se início a uma outra estratégia envolvendo o caminhar pelas ruas do Passo dos Negros para reconhecer a paisagem local, os artefatos culturais e históricos assim como para dialogar com moradores realizando visita às suas casas e entrevistas socioantropológicas.

Figura 1: Visão parcial do Complexo imobiliário (ao fundo)



Figura 2: Estudantes sobre a Ponte de Dois Arcos e o Engenho de Arroz (ao fundo)



A relação com a comunidade foi sendo gradativamente ampliada a cada nova turma de ingressantes, resultando no desenvolvimento de ações sistemáticas junto à comunidade, especialmente por meio da formulação do projeto de extensão “No Passo e no compasso com o Centro de Educação ‘Cuidando de Nós’”: extensão universitária crítica” (Rodríguez, 2024). O projeto, desenvolvido em parceria, conta com a participação de discentes da Prática Orientada I, moradores e lideranças da ONG “Cuidando de nós”.

Na proposta do Projeto, encontramos a seguinte justificativa, que sumariza diferentes atividades vivenciados no âmbito da Prática Orientada I e que resultaram no fortalecimento da parceria entre a Universidade e a Comunidade Passo dos Negros. Uma delas envolve a organização e manutenção de uma biblioteca comunitária, a qual foi planejada de forma compartilhada entre discentes, lideranças locais e formadores do curso de Pedagogia.

[...] A Faculdade de Educação (FaE) e demais unidades da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) desenvolvem de diversas formas ações e projetos com a Comunidade do Passo dos Negros, situada na Estrada do Engenho Osório, Pelotas/RS. Em decorrência destes processos de aproximação e atuação junto à referida comunidade, a FaE/UFPel, principalmente, via as disciplinas de Prática Orientada, tem sido demandada pelo Centro Cuidando de Nós a participar de suas atividades. São demandas que vão desde a oferta de atividades e ações que auxiliem com o trabalho de reforço escolar que o referido Centro vem desenvolvendo com crianças nesta comunidade até novas ações como a organização e a implantação de uma biblioteca comunitária, por exemplo, e foco do projeto. [...] Estas ações ampliarão o debate em torno da atuação de professores/as em espaços educativos e culturais não formais, bem como fortalecerá aspectos importantes e relativos à identidade e história das pessoas e do local. [...] Está prevista a realização de ações pontuais voltadas para temas e demandas já identificadas a partir do vem sendo desenvolvido nas disciplinas de Prática Orientada I, ao longo dos anos de 2022 e 2023, com o Centro “Cuidando de Nós”. Ações [...] voltadas para a organização e implantação da Biblioteca Comunitária e o desenvolvimento de outras ações que envolvam o resgate histórico e cultural do Passo dos Negros e, ao mesmo tempo, proporcione espaço para o apoio e reforço das atividades escolares das crianças atendidas pelo Centro. Inicialmente as ações priorizarão o público infantil já atendido pelo Centro, por isto é de suma importância que se efetive um processo voltado para a escuta

das infâncias. Entende-se que é imprescindível que a escuta esteja aberta as múltiplas infâncias que, por sua vez, vai muito além do diálogo onde um fala e o outro apenas escuta. Escuta na qual nos referimos consiste em reconhecer e se conectar com a realidade das crianças, com suas experiências e vivências. Neste sentido, é preciso considerar, também, o seu contexto familiar, social e cultural. E, ainda, estar atento a maneira de ser e se relacionar das crianças com o mundo a sua volta. Com esse olhar atento e sensível espera-se contribuir para que as pessoas e a Comunidade do Passo dos Negros sejam conhecidos e reconhecidos pela sua história e pela sua gente e, ao mesmo tempo, proporcione um ambiente formativo para se pensar a atuação dos professores/as em espaços educativos não-formais (Rodriguez, 2024, s/p.).

Outra atividade mobilizada em razão das caminhadas no Passo dos Negros relaciona-se a experimentos feitos no âmbito das Artes. A seguir duas ilustrações desses momentos formativos são trazidas. A Figura 3 mostra uma das cenas em que o grupo de discentes tematiza o direito à moradia na perspectiva do Teatro do Oprimido. Já a Figura 4 traz um conjunto de manchetes jornalísticas elaboradas com base em elementos inventariados por meio das entrevistas e conversas realizadas com moradores da comunidade do Passo dos Negros.

Figura 3: Cenas do Teatro do Oprimido



Figura 4: Manchetes jornalísticas

**ALUNOS DA UFPEL APLICAM QUESTIONÁRIO NA
COMUNIDADE DO PASSO DOS NEGROS**

**APAGAMENTO DA HISTÓRIA E DA CULTURA DO PASSO DOS
NEGROS, MAS PESSOAS RECUSAM A SER APAGADAS E AINDA
RESISTEM**

**PESQUISADORES RELATAM COMO A HISTÓRIA E A CULTURA
DO PASSO DOS NEGROS ESTÃO SENDO APAGADAS**

**A FALTA DO RECONHECIMENTO SOBRE O TERRITÓRIO DO
PASSO DOS NEGROS**

**OS QUE NÃO VIRAM, NÃO SABEM E NÃO PODEM CONTAR A
HISTÓRIA**

As vivências corporais tiveram como foco especialmente aspectos relativos à luta por reconhecimento do direito de morar no Passo dos Negros problematizando a especulação imobiliária nos arredores da comunidade. Essa forma de ler a realidade vivida pela comunidade do Passo dos Negros por meio de elementos típicos do Teatro do Oprimido permitiu problematizar as contradições sociais e as desigualdades econômicas tanto à luz de referentes teóricos mobilizados como a partir da escuta atenta às vozes das lideranças e pessoas residentes na comunidade.

Considerações finais

O texto buscou oferecer reflexões ao campo da formação de professores explorando aspectos teóricos e práticos com base nas contribuições dos estudos realizados por Kenneth Zeichner. Visando estimular a criação de estratégias formativas envolvendo agentes da universidade, da escola e da comunidade, fez-se a descrição de um contexto comunitário em que vem sendo realizadas atividades formativas envolvendo lideranças locais, formadores e estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas.

Com base nos elementos trazidos das experiências sistematizadas, é possível afirmar que a formação profissional dos professores como prática social responsável e voltada para a justiça social requer o envolvimento e o engajamento com a comunidade por meio de ações de pesquisa e extensão. A participação dos discentes em ações coordenadas entre

formadores e lideranças comunitárias pode ajudar a criar e fortalecer o desenvolvimento de um profissional democrático, tal como preconiza Zeichner; um profissional que está atento às demandas e saberes das comunidades e disposto a coordenar e estabelecer relações com os conhecimentos científico-culturais, típicos do universo acadêmico.

Desse modo, à guisa de conclusão, ficam em aberto algumas questões para seguir animando o debate e a construção de estratégias que ampliem e fortaleçam relações e interlocuções entre agentes da universidade, da escola e da comunidade.

A primeira questão refere-se ao necessário e saudável tensionamento a ser feito entre conhecimentos de naturezas distintas, como os advindos da ciência e das comunidades tradicionais. Não basta apenas reconhecer a legitimidade de um outro; é preciso aprender a operar, cognitivamente e socialmente, com ambos.

A segunda questão refere-se ao desafio de reconectar e reconstruir vínculos entre professor e as pessoas da comunidade onde está situada a escola em que atua. O estudo conduzido por Mathias (2020) traz registros de uma professora, moradora do Passo dos Negros, que rememora sua relação com a comunidade. Nesse sentido, há necessidade de se perguntar em que medida as secretarias de educação planejam a lotação dos professores considerando ou não suas expertises em termos de conhecimentos das diferentes comunidades e grupos que habitam a cidade. Este aspecto levamos a pensar no quanto determinados critérios adotados para a lotação dos professores nas escolas podem incidir na perda do vínculo comunitário e do próprio sentido da docência/do professor como serviço/servidor público.

Nessa direção, a terceira questão fortalece a relevância do investimento em processos formativos que valorizem, desde a formação inicial, a articulação e a construção de conhecimentos de forma compartilhada entre formadores universitários, professores das escolas básicas e lideranças comunitárias engajados nos processos de profissionalização dos futuros professores.

Referências

ALFONSO, L.; RIETH, F. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto bem cultural. In: SCHIAVON, C. B.; PELEGRINI, S. de C. (Org.). *Patrimônios Plurais*: iniciativas e desafios. Rio Grande: Ed. da FURG, 2016. p. 131-147.

ARTE NO SUL. *Segunda edição da vivência do Sopapo*: memórias da ancestralidade começa sábado em Pelotas. 12 nov 2024. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/artenosul/>.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para

graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. *Resolução CNE/CP* n. 02/2015, de 1º de julho de 2015. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, seção 1, n. 124, p. 8-12, 02 de julho de 2015. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=02/07/2015&jornal=1&pagina=8&totalArquivos=72>

ISHIMARU, A.M.; BANG, M.; VALLADARES, M. R.; NOLAN, C.M.; TAVARES, H.; RAJENDRAN, A.; CHANG, K. *Recasting Families and Communities as Co-Designers of Education in Tumultuous Times*. Boulder, CO: National Education Policy Center. Retrieved, 2019. Disponível em: <https://nepc.colorado.edu/publication/family-leadership>

LANGONE, Ana. *Narrativa transmídia em expansão no Passo dos Negros*. Pelotas – Rio Grande do Sul – Brasil. 2021. Disponível em <https://www.analangone.art/>.

LEITE, R. P. A Exaustão das cidades: antienobrecimento e intervenções urbanas em cidades portuguesas e brasileiras. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo, Brasil, v.25 n.72, p. 73 - 88, fevereiro, 2010.

MATHIAS, S. F.. Passo dos Negros: Entre narrativas, etnografias e conflitos – Pelotas/ RS. Orientadora: Louise Prado Afonso. 2020. 113 f. *Dissertação* (Mestrado em Antropologia-área de concentração em Antropologia Social e Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

RODRIGUEZ, L. L. *No Passo e no compasso com o Centro de Educação “Cuidando de Nós”*: extensão universitária crítica. Pelotas, Portal Institucional UFPEL: 2024. Disponível em: <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u7735>. Acesso em: 15 nov 2025.

SIMIONI, J. P.D; GUASSELLI, L. A. Banhados: abordagem conceitual, *Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul*, n. 30, p. 33-47, set. 2017. Disponível em: <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/boletim-geografico-rs/article/view/4009>. Acesso em: 22 dez 2025.

SANTOS, A. B. dos; KOHAN, W. O.; PEREIRA JUNIOR, G.. Entrevista com Nego Bispo: “Eu lhe ensinei tudo que eu sabia, mas eu não sabia tudo que eu queria lhe ensinar”. *Trans/Form/Ação*, v. 48, n. 1, p. e025053, 2025.

UFPEL. *Projeto Pedagógico curricular do curso de Pedagogia*. UFPel, 2022. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/pedagogia/>.

ZEICHNER, K. Preparing Teachers as Democratic Professionals. *Action in Teacher Education*, 42(1), p. 38-48, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.1080/01626620.2019.1700847>.

ZEICHNER, K. *Communities*. London, Bloomsbury Academic, 2024.

Submetido em dezembro de 2025

Aceito em janeiro de 2026

Publicado em abril de 2026

